

## INSTINTO, INTELIGÊNCIA E INTUIÇÃO CRIADORA SOB A ÓTICA DE HENRI BERGSON

Patricia Gonçalves<sup>1</sup>  
Tânia Stolze<sup>2</sup>

**RESUMO:** Inteligência, instinto e intuição na teoria do filósofo francês Henri Bergson, podem ser consideradas diferentes formas de evolução e interação com o meio. No entanto, antes de compreender estes conceitos, é importante apresentar o conceito de *elã vital* construído pelo filósofo, em que ele afirma que todas as formas de vida partiram de um mesmo impulso. Este impulso, chamado por ele de *elã vital*, é comum a todos os seres e demais formas de vida. Mas, no decorrer do desenvolvimento de cada espécie, animais, vegetais e seres humanos evoluíram de formas diferentes, sendo que aos animais e as demais formas de vida coube o desenvolvimento instintivo e aos seres humanos o desenvolvimento inteligente. Bergson afirma então, que o instinto tem como principal objetivo assegurar a sobrevivência dos seres através dos instrumentos que já os acompanha e que a inteligência está destinada a assegurar a inserção perfeita de nosso corpo no meio em que estamos inseridos, a representar as relações entre as coisas exteriores e a pensar a matéria por dedução, não havendo criação de novidade, mas uma espera dos mesmos resultados. Criar algo novo para ele, está associado à evolução da inteligência em intuição criadora. Neste sentido, este artigo pretende analisar estes conceitos fundamentais para a compreensão da teoria de Henri Bergson, elencando alguns pontos essenciais na hipótese filosófica do francês.

**Palavras-Chave:** Bergson. Instinto. Inteligência. Criação.

**ABSTRACT:** Intelligence, instinct and intuition in the French philosopher Henri Bergson's theory can be considered different forms of evolution and interaction with the environment. However, before understanding these concepts, it is important to present the concept of *vital elan* constructed by the philosopher, in which he asserts that all life forms originated from the same impulse. This impulse, called by him of *vital elan*, is common to all beings and other forms of life. But in the course of the development of each species, animals, plants, and humans evolved in different ways, and animals and other forms of life were instinctively developed, and human beings were intelligent. Bergson states then that instinct has as its main objective to ensure the survival of beings through the instruments that already accompany them and that intelligence is destined to ensure the perfect insertion of our body in the environment in which we are inserted, to represent the relations between the external things and thinking matter by deduction, there being no creation of novelty, but a wait for the same results. To create something new for him is associated with the evolution of intelligence into creative intuition. In this sense,

---

<sup>1</sup> Graduada em pedagogia e em filosofia pela UFPR, Mestre em filosofia e Doutoranda no setor de Educação na linha de pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento humano.

<sup>2</sup> Doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001) e Professora Titular da Universidade Federal do Paraná.

this article intends to analyze these fundamental concepts for the understanding of the theory of Henri Bergson, listing some essential points in the philosophical hypothesis of the French. **Keywords:** Bergson. Instinct. Intelligence. Creation.

## INTRODUÇÃO

Para aqueles que são conhecedores da teoria do filósofo francês Henri Bergson, o conceito de *elã vital* e toda sua relação com o desenvolvimento do ser humano e das demais formas de vida são bastante próximos. No entanto, antes de aprofundarmos a discussão acerca dos conceitos de instinto e inteligência propostos por ele, é importante esclarecer aos demais que, em sua teoria, os seres humanos, os animais e todas as demais formas de vida partiram de um mesmo impulso vital, chamado por ele de *elã vital*<sup>3</sup>. Contudo, no decorrer da evolução as formas de vida foram se distanciando em relação a sua forma de se alimentar, se locomover e interagir com o meio.

Às plantas coube a imobilidade e o fluxo da vida com o qual se alimentam e se mantém através da atividade clorofílica. Aos seres humanos, bem como aos demais animais que não possuem este tipo de organismo, coube a mobilidade para que houvesse a procura por energia. Energia que apenas as plantas têm o poder de produzir a partir da luz solar, mas da qual nos apropriamos através da alimentação destas plantas, por meio da mobilidade que nos acompanha e que nos possibilita a procura por este alimento.

Neste sentido, no decorrer da evolução nossos sistemas digestórios, respiratórios entre outros, foram se desenvolvendo bem como nosso sistema nervoso sensório-motor. Assim, a linha de evolução percorreu caminhos diferentes nas espécies, cabendo aos animais a ação instintiva e ao homem a ação inteligente.

Através deste progresso, nos apropriamos da matéria, para que, como uma máquina de agir, construíssemos instrumentos para interagir e superar as adversidades do meio através do mecanismo dedutivo, ou seja, certos de que podemos esperar os mesmos resultados com as mesmas reestruturações da matéria. E só fazemos isso porque diferentemente dos outros animais, não somos dotados de todos os instrumentos de que precisaremos para bem viver durante toda nossa vida e os produzimos através da nossa inteligência que tem como uma de suas características, o poder de fabricação.

---

<sup>3</sup> Para saber mais sobre o conceito de *elã vital* de Henri Bergson, ver capítulo I de *A Evolução Criadora*.

Assim, depois de apresentarmos brevemente a hipótese bergsoniana sobre a origem da vida e a forma de funcionamento que possibilita a ação do animal no meio em que está inserido através do instinto, e a forma de ação humana através da inteligência, passaremos para a apresentação do mecanismo com o qual a inteligência adquire conhecimento.

## 1. A TEORIA

66

Antes de discorrer sobre sua hipótese filosófica acerca do desenvolvimento e evolução das diferentes formas de vida, Bergson afirma não ser comungante do inatismo em sua integralidade e reitera que não está disposto a levantar discussões a respeito desta teoria, mas afirma que há algumas coisas que nossa inteligência conhece sem as ter aprendido. Em suas palavras, “Digamos então que, *se considerarmos no instinto e na inteligência aquilo que contém em termos de conhecimento inato, descobriremos que esse conhecimento inato versa no primeiro caso sobre as coisas e no segundo sobre relações*” (BERGSON, 2005a, p.161). Ele nos sugere pensar em um bebê que procura o seio de sua nutriz pela primeira vez para dele se alimentar. Em seus termos,

a criança que acaba de nascer não conhece nem objetos determinados nem propriedades determinadas de objeto nenhum; mas, no dia em que aplicarem na sua frente uma propriedade a um objeto, um epíteto a um substantivo, compreenderá imediatamente o que isso quer dizer. A relação do atributo com o sujeito é portanto apreendida por ela naturalmente. (...) A inteligência faz portanto naturalmente uso das relações de equivalente com equivalente, de conteúdo com continente, de causa com efeito, etc. (BERGSON, 2005a, p.160).

A propósito desta passagem, a busca imediata do seio da mãe ao nascer, ainda não é o conhecimento de uma relação, mas de um objeto, a saber, o seio da mãe que poderá alimentá-lo. Esta é uma característica própria ao instinto, logo, presente em todo mamífero, facilmente observável. Neste sentido, relacionar atributo a um sujeito, ou seja, predicar, é o que caracteriza o ser humano desde que nasce. No entanto, esta primeira atividade de sucção, ao contrário da relação predicativa, é, segundo o relato de Bergson, um ato instintivo; o bebê nesse ato, age como o inseto que sabe qual área atingir de sua vítima, demonstrando conhecer uma propriedade (um objeto) e não uma relação.

Contudo, é importante salientar que a criança aprende coisas que nenhum animal vai aprender, ou seja, a estabelecer relações, neste caso, a relação entre uma propriedade e seu objeto, o que nos leva a afirmar que mesmo que a ação do mamar seja em um primeiro momento instintiva, ainda em sua primeira fase de vida o ser humano supera o animal no que diz respeito a atividade de estabelecer relações e agir baseado em experiências passadas em que obteve resultados satisfatórios. Em outras palavras, no animal este desenvolvimento permanece estático relacionado apenas ao reconhecimento de objetos e no ser humano ele se expande ao estabelecimento de relações.

Ainda neste sentido, é importante apresentarmos duas funções que, para o filósofo, são essenciais para que possamos adquirir conhecimento fazendo uso da inteligência: a dedução e a indução.

A primeira é definida como “*uma operação regrada pelas manobras da matéria*” (BERGSON, 2005a, p.232). Ela sente-se à vontade com coisas exteriores como na física, na astronomia e, sobretudo, na geometria. Em seu exemplo:

(...) quando traço grosseiramente sobre a areia a base de um triângulo e começo a formar os dois ângulos da base, sei de um modo certo e compreendo absolutamente que, se esses dois ângulos são iguais, os lados também o serão, a figura podendo então girar sobre si mesma sem que nada se veja mudado. Eu o sei, bem antes de ter aprendido geometria. Assim, anteriormente à geometria científica, há uma geometria natural cuja clareza e evidência ultrapassam as das outras deduções (BERGSON, 2005a, p.232).

Ele chama a atenção para o fato de que as questões de situação e de grandeza que podem ser resolvidas através da inteligência exteriorizada em ações sem uma atividade reflexiva, são as primeiras que se põem para nossa atividade dedutiva, por seu caráter voltado à matematização e à geometrização próprios da inteligência. Ainda sobre esta tendência à geometria, ele cita o exemplo de um selvagem que pode conseguir localizar-se geograficamente em uma floresta sem nunca ter frequentado os bancos escolares, se este ambiente lhe for familiarizado (BERGSON, 2005a, p.231). O fato de viver em tal ambiente, o leva a avaliar distâncias, determinar direções e a definir através da memória qual o melhor caminho de retorno. Segundo o filósofo, a “*dedução não se dá, portanto, sem uma reticência de intuição espacial*”, (BERGSON, 2005a, p.233) e é nesse sentido que enquanto se ocupa com o espaço a dedução está à vontade. Dito de outro modo, com relação aos aspectos físicos, astronômicos e geométricos, ela se

sente em casa, uma vez que, através da observação e da experiência, adquirimos princípios que serão úteis para lidar com as adversidades do caminho. Podemos concluir, com isso, que não há dedução, sem uma sombra de intuição espacial (BERGSON, 2005a).

Sobre a indução, o filósofo a define como uma operação intelectual e não apenas como um reflexo motor esperado pelo corpo. “*Esta, repousa sobre a crença de que há causas e efeitos, e de que os mesmos efeitos se seguem às mesmas causas*” (BERGSON, 2005a, p.233). Para que ela ocorra, primeiro é preciso que a realidade seja decomponível em grupos que possam ser tomados em termos práticos por isolados ou independentes, o que nos lembra de mais uma das características da inteligência, a saber, o poder de decompor situações em recortes que possam ser tomados como úteis para a situação em questão.

Bergson ilustra sua explicação, com o micro sistema formado por uma panela e um fogareiro em que, se coloco uma panela com água para ferver em um fogareiro, os objetos inseridos neste processo são solidários uns aos outros e também a uma série de outras operações. Mas para que meu objetivo se dê, que a água ferva, presumo que o grupo água-panela-fogareiro aceso se dê, como se fossem um microcosmo independente. E quando digo que este microcosmo se dará sempre da mesma maneira, ou seja, que o calor sempre provocará necessariamente, no mesmo espaço de tempo a ebulição da água, admito que ali, houve um sistema completo. Toda vez que repetir a mesma ação de colocar a panela com água para ferver sobre o fogareiro e aguardar o mesmo intervalo de duração, o que a experiência de ontem me mostrou voltará a ocorrer hoje e em qualquer outro dia (BERGSON, 2005a, p. 233). E para que tal operação aconteça é preciso que o tempo entre a experiência de ontem e a atual não seja considerado, como acontece na geometria, pois o resultado de uma soma obtida hoje será o mesmo dentro de qualquer espaço de tempo.

Ele sintetiza estas operações:

de fato, quando digo que minha água colocada sobre meu fogareiro irá ferver hoje como o fazia ontem, e que isto é de uma absoluta necessidade, sinto confusamente que minha imaginação transporta o fogareiro de hoje sobre aquele de ontem, a panela sobre a panela, a água sobre a água, a duração que se escoou sobre a duração e que desde então, o resto parece ter também de coincidir, pela mesma razão que faz com que os terceiros lados de dois triângulos que se superpõem coincidam se os dois primeiros lados já coincidem entre si (BERGSON, 2005a, p.234).

Logo, para que haja indução o que me fará induzir algo hoje é a comparação com o que aconteceu anteriormente, independente de quando o fora. É a capacidade de superpor as qualidades umas às outras, bem como as grandezas, de forma generalizável, que conduz a inteligência a induzir, pois retomando o primeiro exemplo, “*Se transporto idealmente o fogareiro aceso de hoje sobre o de ontem, constato sem dúvida que a forma permaneceu a mesma*” (BERGSON, 2005a, p.235).

E de acordo com o filósofo, é no espírito que criamos nossas induções e deduções. Criamos nas coisas uma ordem, e esta ordem, nossa indução auxiliada pela dedução a reencontra, uma vez que esperamos sempre das mesmas causas os mesmos efeitos, comparando assim nossa ação sobre a matéria com a própria geometria. Logo, quando imaginamos que estamos agindo de forma autêntica e criadora, estamos nos embasando em atitudes e consequências anteriores que nos mostram um panorama do que possivelmente teremos como resultados e decidimos pelo que essas experiências nos trazem, não apenas pelo presente. “*(...) Que antecedentes determinados tragam um conseqüente determinado, calculável em função deles, eis o que satisfaz nossa inteligência. (...) Nossa inteligência aqui está inteiramente à vontade*” (BERGSON, 2005a, p.171).

Assim, a repetição na qual baseamos nossas generalizações é essencial na ordem física, pois nossa inteligência está destinada a sempre ligar o mesmo ao mesmo, mas é acidental na ordem vital. Nesta, a ordem dos sistemas e as formas de lidar com o meio foram se dando ao acaso, uma vez que, com a evolução e com a hereditariedade, não se transmite apenas as características de um indivíduo, mas também o impulso vital. E como este impulso continua criando a todo instante, as formas herdadas poderiam ser bem diferentes a cada espécie, como pode acontecer nos animais, de acordo com as especificidades de cada espécie em conformidade com as novas necessidades apresentadas pelo meio. De acordo com o estudioso,

a hereditariedade não transmite apenas as características; transmite também o elã em virtude do qual as características se modificam, e esse elã é a própria vitalidade. É por isso que dizemos que a repetição que serve de base às nossas generalizações é essencial na ordem física, acidental na ordem vital. Aquela é uma ordem ‘automática’; esta é, não diria voluntária, mas análoga à ordem ‘voluntária’ (BERGSON, 2005a, p.251).

São duas formas diferentes de se relacionar com a vida, diferenciadas pelo grau de consciência. No ser humano, é através da consciência, como explicado

anteriormente, que podemos distender o real, recortar o passado e equivaler com a ação presente, criando uma ordem física necessária. Isso só é possível através da inteligência que possibilita esta visão retrospectiva em consequência à consciência distinta que nos acompanha. Pois, para que nossa consciência coincidissem com algo de seu princípio seria preciso que se desprendesse do *já pronto* e se prendesse ao *se fazendo* (BERGSON, 2005a, p.258).

Neste sentido, quando recolocamos o nosso ser no nosso querer, e este no impulso que se prolonga, compreendemos, sentimos que a realidade é um perpétuo crescer, uma criação que continua sem fim. Desta forma, para o filósofo, *“A consciência que nos é própria, é a consciência de um certo ser vivo, localizado em um certo ponto do espaço; e, embora vá realmente na mesma direção que seu princípio, é incessantemente puxada no sentido inverso, obrigada, ainda que caminhe para frente, a olhar para trás”* (BERGSON, 2005a, p.258).

E justamente por estar sempre olhando para trás é que nossa consciência sente-se pouco à vontade com o presente, uma vez que este movimento, nas palavras do autor, *“violenta nossa natureza”* (BERGSON, 2005a, p.258). Para que isso fosse possível, ou seja, para que pudéssemos agir sempre livremente seria necessário ir mais longe do que nossa natureza está acostumada a avançar.

na ação livre, quando contraímos todo nosso ser para lançá-lo para frente, temos a consciência mais ou menos clara dos motivos e dos móveis e mesmo, a rigor, do dever pelo qual estes se organizam em ato; mas o puro querer, a corrente que atravessa essa matéria comunicando-lhe a vida é algo que mal sentimos, algo que no máximo roçamos de passagem (BERGSON, 2005a, p.258).

Se por um lado nossa inteligência é feita para agir sobre a matéria com base na dedução de experiências passadas, ela enxerga uma complicação na organização que existe no movimento, pois o espírito, com a faculdade de compreender o que é imanente à faculdade de agir, age sobre a matéria, mas ao mesmo tempo não é livre para criar, justamente porque está destinado ao trato com o inerte para sua ação prática. O filósofo tenta resolver esta questão, afirmando que o impulso da vida é uma exigência da criação, mas que não pode realizar uma criação completa porque encontra pela frente a matéria que, para ele, é o seu movimento inverso. Entretanto, dela o ser humano faz uso, e tende a na matéria introduzir, ela que é necessidade, o máximo possível de indeterminação e de liberdade (BERGSON, 2005a). E, como afirmado acerca do funcionamento de nossa inteligência, é através da complexidade do sistema

nervoso que somente nós, seres humanos possuímos, que isto acontece. Assim, a complexidade do sistema nervoso condiciona os outros sistemas do organismo, em razão do desenvolvimento simultâneo das atividades automática e voluntária. O que o leva a afirmar que, quanto maior for o desenvolvimento de seu cérebro e a consciência que o acompanha, maior a vontade, relacionando tanto o funcionamento da inteligência enquanto forma de ação no meio, como a forma de aprendizagem com o grau de consciência (BERGSON, 2005a). Em seus termos,

assim, num organismo como o nosso, um número considerável de mecanismos motores está montado na medula e no bulbo, só esperando um sinal para libertar o ato correspondente; a vontade aplica-se em alguns casos, a montar o próprio mecanismo e, nos outros, a escolher os mecanismos a serem desencadeados, a maneira de combiná-los entre si, o momento do desencadeamento (BERGSON, 2005a, p.273).

Neste sentido, a evolução da vida se dá de forma contingente, pois necessários são a acumulação gradual de energia e o gasto dessa energia para o equilíbrio vital. Sobre o movimento da evolução ele nos diz em seu texto:

a parte da contingencia é portanto grande na evolução. Contingentes o mais das vezes, são as formas adotadas ou, melhor, inventadas. Contingente, relativa aos obstáculos encontrados em tal momento, a dissociação da tendência primordial em tais ou tais tendências complementares que criam linhas divergentes na evolução. Contingentes as paradas e os recuos; contingentes em larga medida as adaptações (BERGSON, 2005a, p.276).

Bergson também justifica com esta hipótese - a de que a evolução da vida se deu de forma contingente - o fato de que outras formas de vida poderiam ter surgido, se a evolução tivesse tomado outro rumo, senão o conhecido por nós. Ele retoma o conceito de *elã vital* e esclarece que este é apenas uma imagem utilizada por ele para ilustrar a origem da vida. Em suas palavras,

(...) é apenas uma imagem. A vida, na verdade, é de ordem psicológica, e é da essência do psíquico envolver uma pluralidade confusa de termos que se interpenetram. (...) Unidade e multiplicidade abstratas são, como se preferir, determinações do espaço ou categorias do entendimento, espacialidade e intelectualidade sendo decalcadas uma da outra (BERGSON, 2005a, p.178).

É neste sentido que o filósofo afirma que o impulso vital não é unidade nem multiplicidade puras, e que, se a matéria à qual se comunica lhe exige que opte por uma das duas, sua opção nunca será definitiva: saltará indefinidamente de uma para a outra. Citando-o:

sou portanto (...) unidade múltipla e multiplicidade una; mas unidade e multiplicidade não são mais que vistas tomadas de minha personalidade por um entendimento que aponta para mim suas categorias: não entro nem em uma nem em outra, nem nas duas ao mesmo tempo, ainda que as duas, reunidas, possam dar uma imitação aproximativa dessa interpenetração recíproca e dessa continuidade que encontro no fundo de mim mesmo (BERGSON, 2005a, p.280).

Assim, para compreendermos a evolução da vida, chamada por Bergson de *marcha para a reflexão* (BERGSON, 2005a, p.283), recorreremos a consciência que nos acompanha, uma vez que, como explicado alhures, no ser humano ela está presente em um grau muito mais desenvolvido do que nas demais espécies. Sobre este salto para a consciência, cito mais uma bela metáfora bergsoniana, “(...) *na ponta do alto trampolim sobre o qual a vida havia tomado seu elã, todos os outros desceram, achando a corda estendida alto demais, apenas o homem saltou o obstáculo*” (BERGSON, 2005a, p.283). O que esclarece o afirmado anteriormente sobre o fato de a teoria da evolução da vida e a teoria da evolução da inteligência serem dissociadas, uma vez que no homem, e apenas no homem, são dadas as condições necessárias para compreender este processo de evolução.

Em suma, podemos afirmar que para agir sobre o mundo e ter consciência de que está agindo, a inteligência humana, através de seu caráter generalizável, procura relacionar experiências passadas às atuais e agir sobre os sólidos, saltando rumo a sua própria superação. Para Bergson, “*A partir do dia em que a inteligência, refletindo sobre suas manobras, percebe-se a si mesma como criadora de ideias, como faculdade de representação em geral, não há objeto do qual não queira ter ideia*” (BERGSON, 2005a, p.173).

No momento em que atinge esta condição, à inteligência não cabe mais apenas o exercício da fabricação através da matéria bruta da qual tem domínio relacionada a ação prática: ela passa a preocupar-se com o domínio da vida e do pensamento. Ela apropria-se da linguagem, para estender seu campo de atuação e para disseminar seus novos conhecimentos, libertando-se do domínio prático da inteligência, almejando saltos mais altos.

Em suma, podemos afirmar que nossa forma de obter conhecimento sente-se à vontade com o antigo que se repete. Satisfazemo-nos em recompor o mesmo com os mesmos elementos para obtermos os mesmos resultados, uma vez que nossa inteligência aprecia a associação de ações e efeitos antigos, aos mesmos resultados esperados. Entretanto, também podemos afirmar que a fabricação do que se faz necessário para nossa sobrevivência não é a única possibilidade para a qual nossa inteligência está voltada. Na teoria bergsoniana, na linha de evolução da vida, a inteligência é um estágio da evolução, podendo haver assim uma superação desta característica que hoje nos exprime, e a abertura de espaço para a criação. Na criação não há esta medida proporcional entre causa e efeito, como na fabricação que está relacionada à sobrevivência. Não é um domínio sobre algo que beneficia a humanidade que se espera, nem é buscado apenas mais um resultado prático sob a própria invenção. Para ele,

ainda que extraiamos uma vantagem imediata do objeto fabricado, como poderia fazê-lo um animal inteligente, ainda mesmo que essa vantagem fosse tudo que o inventor procurava, ela é pouca coisa perto das ideias novas, dos sentimentos novos que a invenção pode fazer surgir por todos os lados, como se tivesse por efeito essencial nos alçar acima de nós mesmos e, ao fazê-lo ampliar nossos horizontes (BERGSON, 2005a, p.178).

Desta forma, encerramos esta apresentação acerca da distinção entre instinto e inteligência, afirmando que a criação é apresentada por Bergson como uma superação de todas as necessidades, não havendo mais um objetivo ideal a ser alcançado como no ato inteligente. A criação, para ele, ultrapassa essas prioridades básicas e abre um campo de possibilidades para ideias novas, desprendidas do necessário. Ele afirma, “*Entre o efeito e a causa a desproporção é tão grande, aqui, que é difícil tomar a causa por produtora de seu efeito*” (BERGSON, 2005a, p.190). E de salto em salto o ser humano pode continuar evoluindo até que a fabricação de objetos, que hoje caracteriza nossa maneira de compreender e agir sobre o mundo, seja superada de tal forma que o homem já fabrique máquinas de fabricar que possam realizar seu trabalho, libertando-o para a criação de algo que não tenha mais a funcionalidade objetiva, própria da inteligência humana. É assim, que para o filósofo, o homem pode superar a inteligência rumo à intuição criadora (BERGSON, 2005a, p.200).

Em uma das anedotas apresentadas a esse respeito em *A Evolução Criadora*, Bergson nos conta que para que a máquina a vapor tal como Newcomen a

concebeu funcionasse, era preciso que uma pessoa fosse encarregada de manobrar as torneiras, para introduzir o vapor no cilindro e para ali jogar a água fria destinada a condensação. Para este trabalho eram utilizadas crianças, uma vez que suas estaturas eram compatíveis com o tamanho do cilindro. Uma delas resolve então, ligar por cordões as manivelas das torneiras ao balancim da máquina. Ele nos conta,

desde então, a máquina abria e fechava suas torneiras ela própria; funcionava sozinha. Agora, um observador que tivesse comparado a estrutura dessa segunda máquina à da primeira, sem se ocupar das duas crianças encarregadas da vigilância, não teria visto mais que uma ligeira diferença de complicação entre elas. É tudo que se pode perceber, com efeito, quando só se olham as máquinas. Mas se endereçamos um lance de olhos às crianças, vemos que uma está absorvida por sua vigilância, que a outra está livre para divertir-se a seu bel-prazer, e que, desse lado, a diferença entre as duas máquinas é radical, a primeira mantendo a atenção cativa, a segunda dispensando seus serviços (BERGSON, 2005a, p.200).

E dispensada de seus serviços ela está livre para criar. Para Bergson, a criação não é uma escolha entre possíveis pré-estabelecidos, como na ação inteligente, mas é a criação do novo, do que não preexistia à sua realização. Essa dinâmica criadora pode ser observada tanto na história do universo que envolve o percurso de uma estrutura aparentemente simples de energia, condensada em um número gigantesco de diferentes espécies com suas estruturas e modos de funcionamento altamente complexos, quanto na história humana a partir da abertura para a criação de novidade, com as impressionantes realizações no campo das ciências, das artes, da moral e da religião. Daí porque, mais uma vez, o autor vai contra toda forma de determinismo, pois ele entende que o futuro, tanto de um sujeito psicológico, quanto das várias formas de vida e, ainda, do universo como um todo não poderia ser previsto, considerando que esse dinamismo interno criador é em si mesmo indeterminado.

Contudo, é preciso questionar como, a um ser caracterizado pela inteligência que o acompanha, em que a dedução, a repetição do mesmo com o mesmo, a ação sobre o inerte na espera dos mesmos resultados, pode dar abertura suficiente para a passagem desse fluxo da vida e produzir novidade. Em outras palavras, como é possível ao ser humano caracterizado pela inteligência dedutiva que o acompanha, criar novidade?

Para o filósofo, a criação humana como superação da inteligência que o caracteriza, só é possível através da intuição.

Para defini-la, é importante lembrarmos que, na teoria de Bergson, uma vez que todas as espécies partiram de um único impulso de vida, há uma franja sempre latente de tudo o que as espécies poderiam ter sido e abandonaram no trajeto de sua evolução. Assim, há sempre adormecido no animal instintivo algo de inteligente, bem como no ser humano há traços de instinto. Entretanto, se dissemos que a inteligência funciona fazendo um recorte do real, decompondo e recompondo eventos temporais em partes distintas, a fim de analisar na situação anterior o que lhe pode ser útil na ação presente, a intuição desvia-se deste mecanismo. Nela há uma aproximação temporal com a realidade e um conhecimento interior do que está em questão, e não apenas um recorte, como nos dá o ato inteligente. Segundo ele,

a inteligência, por intermédio da ciência que é obra sua, franquear-nos-á cada vez mais completamente o segredo das operações físicas; da vida, ela só nos traz e, aliás, só pretende nos trazer uma tradução em termos de inércia. Dá a volta toda, tomando, de fora, o maior número possível de vistas desse objeto, que ela atrai para seu terreno, em vez de entrar no dele. Mas é para o interior mesmo da vida que nos conduziria a intuição, isto é, o instinto tornado desinteressado, consciente de si mesmo, capaz de refletir sobre seu objeto e de ampliá-lo indefinidamente (BERGSON, 2005a, p.191).

A intuição é o conhecimento de algo em sua essência. Diferente do conhecimento inteligente que se obtém através da percepção de características externas. A intuição é o conhecimento que coincide com a coisa mesma, por estar aberta para a passagem do impulso de vida. Na análise de Prado Júnior,

a intuição é, assim, precisa à medida que é também, governada pelo que é dado na experiência. Mas, trata-se de uma experiência e de um tipo de dado peculiares à perspectiva filosófica, só a ela acessíveis, e que se esfumam quando se passa à perspectiva científica. É como se a filosofia tornasse possível uma experiência cujo 'objeto' não mais é objeto 'já feito' da experiência quotidiana e científica (que se constituem dentro do mesmo horizonte), mas o 'impulso' ou a 'pulsão' que está em sua mais primitiva raiz. Ela captura o objeto *par le dedans*,<sup>4</sup> e ele deixa imediatamente de ser objeto -, *a intuição é o fim da objetividade*: nela o conhecido é conhecido no ato em que ele se auto constitui (PRADO JÚNIOR, 1989, p.180).

---

<sup>4</sup> Pelo interior. (Tradução nossa)

Num exemplo de intuição criadora, podemos citar a criação de uma obra de arte. Quando o artista munido de seu material de criação, põe-se a pintar um modelo, ele percebe seus traços justapostos e não organizados entre si. Entretanto é justamente esta barreira entre ele e o movimento da vida, que o artista se propõe a quebrar, através da criação da obra em si. No texto ele esclarece,

nosso olho percebe os traços do ser vivo, mas justapostos uns aos outros e não organizados entre si. Escapa-lhe a intenção da vida, o movimento simples que corre através das linhas, que as liga umas às outras e lhes dá uma significação. É essa intenção que o artista visa recuperar, recolocando-se no interior do objeto por uma espécie de simpatia, desfazendo, por um esforço de intuição, a barreira que o espaço interpõe entre ele e o modelo (BERGSON, 2005a, p.192).

Em sua análise, Mascarenhas afirma que,<sup>5</sup>

por outro lado, no que respeita a vida em seu movimento criador, é pela intuição que se pode obter uma experiência mais profunda. Pois é como se a intuição tivesse em si a capacidade de ‘renunciar’ a toda aparência ativa e se voltar para o certo sentido íntimo ou simpático de relação com seu objeto, podendo constituir uma relação desinteressada com o mundo (MASCARENHAS, 2009, p.209).

Essa experiência ultrapassa a inteligência uma vez que tem a seu alcance o conhecimento do todo e não apenas um recorte temporal da duração. Na intuição os sentidos do real podem ser apreendidos como um todo, em um único golpe. O filósofo afirma: ela, “(...) é a simpatia pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com o que ele tem de único e por consequência de inexprimível” (BERGSON, 2005b, p.263).

Podemos compreender com esta afirmação que, a intuição só é possível através de uma compreensão do objeto dada por outro mecanismo, a saber, o instinto. Ele, que como apresentado anteriormente, é especialista e que carrega em si a criação, possibilita esta simpatia e essa transposição para o interior do objeto, resultando no conhecimento absoluto. Se nos muníssemos apenas de inteligência, esta capacidade de conhecer algo em sua totalidade não seria

<sup>5</sup> MASCARENHAS, Aristeu. *Intuição, ciência e metafísica em Bergson*. In: PINTO, Débora Cristina Morato; MARQUES, Silene Torres (orgs). *Henri Bergson: crítica do negativo e pensamento em duração*, São Paulo: Alameda, 2009.

possível. Assim, instinto e inteligência, um deixando de assombrar o outro apenas como uma franja, e passando a se fazer presente, poderia ultrapassar a inteligência, rumo a uma intuição criadora. Para ele,

de modo que se usarmos os círculos concêntricos, utilizados por Bergson para ilustrar, diríamos que a intuição consistirá exatamente em estender o círculo menor – a inteligência – em direção ao maior – a vida – a fim de permitir à inteligência reconquistar, no caminho, o máximo das virtualidades do instinto e, por isso mesmo, de convertê-las em intuição (MASCARENHAS, 2009, p.2011).

Em outras palavras, é fazendo parte da evolução da vida, aberta para a criação de novidade, que a inteligência humana poderia progredir rumo a uma intuição criadora. Ainda para Mascarenhas,

se há na inteligência uma limitação em relação à experiência e, consequentemente, do conhecimento daí advindo, é pela *intuição* como *atitude especialmente adotada* que essa experiência é *alargada*. Aqui, mediante um esforço, a inteligência “recupera uma *franja instintiva/intuitiva* que sempre lhe permeou (MASCARENHAS, 2009, p.210).

Essa franja, como já definida no início do texto, não é apenas uma parte da vida. Ela é, “*parte do princípio evolutivo que não se reduziu à forma especial de nossa organização e passou por contrabando*” (BERGSON, 2005a, p.178). O filósofo prossegue: “*É portanto daí que deveremos procurar indicações para dilatar a forma intelectual de nosso pensamento; é daí que extrairemos o impulso necessário para nos elevar acima de nós mesmos*” (BERGSON, 2005a, p.179).

Sobre essa potência do entendimento, que nos conduziria a superação da inteligência, Prado Júnior comenta,

mas esse movimento pelo qual, através do homem, as tendências deixam de se alienar na exterioridade, para captar-se a si mesmas em sua própria interioridade, é o movimento pelo qual deixa de existir, de alguma maneira, a própria humanidade. Superada por si mesma através de uma nova forma, e mais ampla, de consciência: as potências ‘complementares’ do entendimento despertam-se e tomam consciência de si mesmas se percebem ‘elas próprias em obra, por assim dizer, na evolução da vida’. É assim, que o conhecimento do processo vital é, ao mesmo tempo, superação da consciência propriamente humana, que se dilata ‘no próprio sentido da vida’ (PRADO JÚNIOR, 1989, p.181).

É assim que na teoria da evolução proposta por Bergson, a inteligência que nos acompanha poderia evoluir para uma intuição criadora, unindo instinto e inteligência superando todos os obstáculos e nos elevando a um grau superior de entendimento não apenas de nós mesmos, mas do próprio fluxo da vida, pois para ele, há questões que a inteligência faz, mas que só poderiam ser respondidas através do instinto, mas que este mesmo, sozinho, jamais as faria (BERGSON, 2005a). De modo que,

enquanto a inteligência trata todas as coisas mecanicamente, o instinto procede, se assim se pode falar, organicamente. Caso a consciência que nele dormita despertasse, caso ele se interiorizasse em conhecimento em vez de se exteriorizar em ação, caso soubéssemos interrogá-lo e caso ele pudesse responder, o instinto haveria de nos franquear os mais íntimos segredos da vida. (BERGSON, 2005a, p.178)

78

E com estes segredos revelados poderíamos superar tudo o que o meio nos impusesse. É neste sentido que Bergson compreende a inteligência como um momento da evolução que poderia ser superado por uma intuição criadora. Ele localiza o homem e a inteligência que nos caracteriza, na escala de evolução, como uma das espécies que sobreviveram às adversidades que o meio lhe impôs. Contudo, o ser humano não é o objetivo, nem o ápice da evolução da vida em geral, uma vez que outras formas de vida evoluíram através das tendências instintivas para as quais se inclinaram e que em sua teoria, a inteligência poderia ser superada por uma intuição criadora, unindo instinto e inteligência em uma tomada de consciência que já não visa mais o efeito prático de suas ações, mas a compreensão da própria vida, a criação de obras e o que mais a amplitude de sua intuição possibilitasse, superando a inteligência.

Worms analisa a noção de intuição:

a intuição deve, portanto, ser na teoria o que a inteligência é na prática: um progresso do conhecimento *completando* progressos práticos, não apenas no sentido técnico e adaptativo das máquinas humanas, para a vida humana como um todo. Não se trata, pois, de voltar ao instinto, nem mesmo para compreender a unidade da vida, trata-se de chegar à intuição, não somente para compreender o sentido da vida humana como tal: o que a intuição deve entender é *o sentido da inteligência!* Que se lhe acuse de ser metafísica, nada mais legítimo, se quisermos, mas então que não se engane de metafísica: não se trata de uma metafísica da inconsciência, mas de uma metafísica da consciência, e mesmo da consciência em si (WORMS, 2010, p.244).

Assim, podemos compreender que a intuição criadora, proposta pelo filósofo, é consciência da vida e do fluxo de criação que a acompanha, e que possibilita ao ser humano criar. Bergson sempre se refere aos artistas, por vezes aos filósofos e em sua última obra, *As Duas fontes da moral e da religião*, aos místicos pela intuição que neles apresenta-se de maneira muito mais desenvolvida, nos oferecendo pistas de casos em que claramente podemos notar uma consciência do fluxo da vida muito mais desenvolvido do que nas outras pessoas em geral. Sobre este fenômeno, Deleuze afirma,

a emoção criadora é a gênese da intuição na inteligência. Portanto, se o homem acede à totalidade criadora aberta, é por agir, é por criar mais do que por contemplar. Na própria filosofia, há ainda muita contemplação suposta: tudo se passa como se a inteligência já fosse penetrada pela emoção, pela intuição, portanto, mas não ainda o suficiente para criar em conformidade com tal emoção. Por isso mais profundamente do que os filósofos, as grandes almas são as dos artistas e dos místicos (pelo menos os ligados a uma mística cristã, que Bergson descreve como sendo, inteiramente, atividade superabundante, ação, criação) (DELEUZE, 1999, p.91).

Todavia, é importante observarmos que, mesmo que seja possível observarmos ao longo da história figuras que desenvolveram muito mais suas características intuitivas do que o pensamento prático e inteligente, tal evento não ocorre com frequência. São pessoas notórias que se destacam a cada determinado período de tempo e que nos chamam a atenção por entender e agir no mundo de uma forma muito peculiar. Ainda para Deleuze,

a emoção criadora salta de uma alma para a outra, 'de quando em quando', atravessando desertos fechados. Mas, a cada membro de uma sociedade fechada, se ele se abre a emoção criadora, esta comunica a ele uma espécie de reminiscência, uma agitação que lhe permite prosseguir e, de alma em alma, ela traça o desenho de uma sociedade *aberta*, sociedade de criadores, na qual se passa de um gênio a outro por intermédio de discípulos, de espectadores ou de ouvintes (DELEUZE, 1999, p.91).

O filósofo concluiu sua teoria da evolução da inteligência humana rumo a uma intuição criadora, nos deixando um questionamento sobre o que poderíamos alcançar se nos desenvolvêssemos de tal forma. Ele deixa esta questão, nos apontando mais uma vez como, através do poder de criação que em nós

permanece incubada - intitulada de intuição criadora - formada pela inteligência que nos caracteriza e pelo instinto que continua a nos assombrar, poderíamos continuar a evolução da inteligência humana em níveis jamais imaginados. Sua conclusão é a de que superaríamos qualquer impedimento, talvez até mesmo a morte.

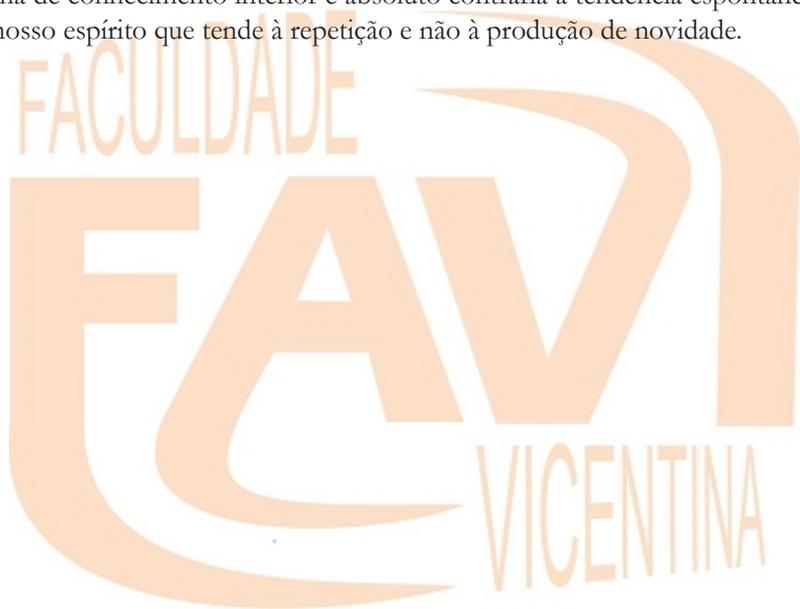
Por fim, encerramos nossa análise acerca da forma de evolução e interação com o meio com as inspiradoras palavras bergsonianas, acerca de nossa própria superação: *“É, portanto aí, (na franja indistinta que é o instinto) que deveremos procurar indicações para dilatar a forma intelectual de nosso pensamento; é daí que extraímos o impulso necessário para nos elevar acima de nós mesmos”* (BERGSON, 2005a, 198)

## 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados, podemos compreender que Bergson desenvolve sua teoria do *elã vital* para explicar a origem e a evolução da vida e entende que para compreendermos este fluxo constante de criação de novidade que nos possibilita o poder de criar algo novo, precisamos ir para além da inteligência através de uma intuição criadora.

Para tanto, ele substitui a visão biológica e materializante da ciência pela visão filosófica, construindo uma nova hipótese teórica acerca das conexões entre a vida orgânica e a vida social, ou seja, pela interação no sujeito no ambiente. Sua filosofia, construída sobre as ideias fundamentais da intuição, da duração e do *elã vital*, propõe uma nova forma de compreensão sobre a origem e a evolução da vida. Em outras palavras, o que o diferencia dos filósofos de sua época, é o fato de conceber uma forma de conhecimento absoluto através da intuição criadora, pois, para ele, um conhecimento absoluto não poderia ser dado senão pela intuição, ao passo que todo o resto, compreendido através da inteligência, é apenas uma análise. Assim, somente através da intuição, essa espécie de simpatia intelectual pela qual nos transportamos ao interior de um objeto para coincidir com aquilo no que ele tem de único e, por conseguinte, de inexprimível, poderíamos compreender a origem e a evolução da vida e também estaríamos em condições de produzir algo novo, uma vez que, através da inteligência, ao contrário, estamos sempre condicionados a ligar o mesmo ao mesmo, esperando os mesmos resultados das mesmas causas. Ainda para ele, a análise é a operação que liga o objeto a elementos já conhecidos, isto

é, comuns a esses objetos e a outros. Portanto, analisar consiste em exprimir uma coisa em função daquilo que ela aparenta ser, ou seja, apenas através da impressão que temos dela. Dito de outro modo, ao mesmo tempo em que o filósofo faz uma caracterização da inteligência e a distingue de outras formas de conhecimento, como o instinto que para ele é uma forma apenas diferente e não inferior à inteligência, ele caracteriza a intuição como uma forma de conhecimento que vai para além da inteligência humana, uma vez que esta forma de conhecimento interior e absoluto contraria a tendência espontânea de nosso espírito que tende à repetição e não à produção de novidade.



## REFERÊNCIAS

BERGSON, H. **A evolução Criadora**; tradução Bento Prado Neto. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Essai sur les données immédiates de la conscience**. Presses universitaires de France, 1970.

\_\_\_\_\_. **Introdução à metafísica. In: O pensamento e o movente. Ensaios e conferências**. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Metafísica**. Tradução: Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo, Martins Fontes: 2006b.

\_\_\_\_\_. **Mélanges**. Paris: PUF, 1972.

\_\_\_\_\_. **Os pensadores**. Seleção de textos e tradução: Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Nova Cultural. Coleção Os Pensadores, 1989.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. –São Paulo: Ed.34, 1999.

MASCARENHAS, Aristeu. **Intuição, ciência e metafísica em Bergson**. In: PINTO, Débora Cristina Morato; MARQUES, Silene Torres (orgs). **Henri Bergson: crítica do negativo e pensamento em duração**, São Paulo: Alameda, 2009.

PRADO JÚNIOR, Bento. **Presença e campo transcendental**. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

WORMS, Frédéric. **Bergson ou os dois sentidos da vida**. Trad. Aristóteles Angheben Predebon. – São Paulo: Editora Unifesp, 2010.